

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS ACERCA DOS RITOS DE INICIAÇÃO E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO EDUCACIONAL EM MOÇAMBIQUE

SCIENTIFIC PRODUCTIONS ABOUT INITIATION RITES AND THEIR INFLUENCES ON THE EDUCATIONAL PROCESS IN MOZAMBIQUE

Sebastião Irroga Morais Chauma 1
Maria Isabel Alonso Alves 2

Resumo: O artigo aborda os ritos de iniciação e sua influência no processo educacional em Moçambique. Trata-se de uma revisão bibliográfica das produções científicas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD). As produções revisadas consideram uma ilusão acreditar na existência de educação em Moçambique enquanto um sistema de valores criado em discurso que contemple a cultura local, na qual os ritos de iniciação encontram-se inseridos, mas um modelo educacional que tem como base o viés eurocêntrico, que não acolhe a pluralidade cultural. Os resultados também apontam que a evasão escolar em Moçambique está arraigada na cultura dos ritos de iniciação, pois, a partir da inserção das meninas nos contextos de formação local (dos ritos), estas, ao retornarem para suas casas acabam não voltando para a escola, optando pelo casamento.

Palavras-chave: Ritos de Iniciação. Educação. Moçambique. Produções Científicas.

Abstract: The article addresses the initiation rites and their influence on the educational process in Mozambique. This is a bibliographic review of the scientific productions published in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDBTD). The reviewed productions consider it an illusion to believe in the existence of education in Mozambique as a value system created in a discourse that contemplates the local culture, in which the initiation rites are inserted, but an educational model that is based on the Eurocentric bias, that does not accept cultural plurality. The results also point out that school dropout in Mozambique is rooted in the culture of initiation rites, since, from the insertion of girls in the contexts of local formation (of the rites), when they return to their homes they end up not going back to school opting for marriage.

Keywords: Initiation Rites. Education. Mozambique. Scientific Productions.

Mestrando em Ensino de Ciências e Humanidades – PPGECH/UFAM 1
(bolsista ProAfri/Capes) e docente universitário da Universidade Unipúngue
– Moçambique. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3000159106163285>. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0003-2698-9593>. E-mail: mussimbeny@gmail.com

Doutora em Educação e Professora do Magistério Superior da 2
Universidade Federal do Amazonas, no Instituto de Educação, Agricultura
e Ambiente – IEAA/UFAM, vinculada ao Programa de Pós-graduação em
Ensino de Ciências e Humanidade – PPGECH/UFAM. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1157608326062043>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2960-1200>.
E-mail: profamariaisabel@ufam.edu.br

Introdução

O texto é resultado de uma revisão bibliográfica desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades, na Universidade Federal do Amazonas, unidade de Humaitá (PPGECH/UFAM), que teve como finalidade, mapear e analisar as produções científicas que tratam dos Ritos de Iniciação e suas influências na educação de Moçambique. Trata-se, portanto, de um estado do conhecimento.

Como metodologia buscou-se amparo na abordagem qualitativa e nas técnicas documental bibliográfica (LUDKE; ANDRÉ, 2013), apontada também por Castilho et al. (2011, p. 11), como um tipo de pesquisa “baseada na consulta de todas fontes relativas ao tema que foi escolhido para a realização do trabalho”, podendo ser consultados “tese, e dissertações”. A pesquisa teve como fonte, dados disponíveis na Biblioteca Digital brasileira de Tese e Dissertações – BDTD, tendo como descritor: ritos de iniciação em Moçambique.

Os campos teóricos de prefixo Pós (Pós-Estruturalista; Pós-Moderno; Estudos de Gênero; Estudos Culturais, Estudos Pós-Coloniais, e outros que se aproximam do mesmo viés epistemológico) tem nos inspirado a perceber as diversas formas as quais os sujeitos se enredam, produzem e transitam em diversas formas de representação e identidade. Trata-se de uma visão que busca ver as várias formas da “produção não daquilo que nós somos, mas daquilo que nós nos tornamos” (HALL, 2013, p. 109) no decorrer da nossa história.

Também com aporte em Bauman (2005) é possível entender a identidade como algo que afeta as estruturas da sociedade. As estruturas as quais Bauman (2005, p. 11) se refere envolvem a “produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro”. Este pensamento se dá “precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso [...]. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença [...]” (HALL, 2013, p. 109).

Os autores apontam que as identidades não são um fato concluído, mas uma produção inacabada, que pode ser (re)negociada sempre dentro e não fora das representações discursivas. Neste sentido, entendemos, assim como Hall (2013) e Bauman (2005) que a identidade não pode ser vista de forma inteiriça, fixa, mas sim como algo que se produz, se modifica nos contextos sociais e culturais e que vão sendo assumidas no decorrer da história de vida de cada sujeito. Neste modo de pensar, cabe-nos refletir sobre os ritos de iniciação e sua influência no processo educacional em Moçambique.

No sentido de produzir uma reflexão sobre a possibilidade de desenvolver pesquisa a respeito dos ritos de iniciação e sua influência no processo educacional em Moçambique, foi realizado um levantamento de estudos relacionados à temática. Para tanto, foram buscados textos divulgados em Programas de Pós-Graduação em Educação (mestrado e doutorado) no Brasil, indexadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD) nos últimos cinco anos, produções científicas/acadêmicas que tiveram como objeto de produção de dados e/ou análise, os ritos de iniciação e a educação moçambicana, ou estudos que, de uma forma ou de outra, produziram algumas cogitações referentes aos processos de ensino em Moçambique, ou ainda, em alguma medida, mostraram algum tipo de articulação entre os ritos de iniciação e os processos culturais que produzem identidades das mulheres moçambicanas.

Para tal levantamento, buscamos apoio em Romanowski e Ens (2006) quando discutem os procedimentos e limites dos estudos denominados “Estado da Arte”. Trata-se de um levantamento/mapeamento que “desvende e examine o conhecimento já elaborado e apontem os enfoques, os temas mais pesquisados e as lacunas existentes” (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 38), a fim de que se faça um balanço sobre as produções existentes a respeito do tema pesquisado e aponte caminhos novos para a produção de pesquisas em educação, com viés, inclusive, na área do ensino.

O “Estado da Arte”, ao qual se referem às autoras mencionadas, recebe tal denominação porque é capaz de abranger todo conhecimento produzido e disponibilizado nas diversas formas de divulgações (impresso, digital e outros). “A realização destes balanços possibilitam contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais” (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 38).

As autoras afirmam que há necessidade de analisar o campo investigativo que o pesquisador pretende se inserir, principalmente quando se leva em consideração os avanços crescentes das

tecnologias nos tempos atuais, pois as tecnologias têm facilitado a busca dos diversos tipos de estudos, seja no Brasil ou no mundo.

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área do conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigativas que apontem problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 39).

Os objetivos dos estudos sob o prisma “Estado da Arte” são no sentido de “compreender como se dá a produção do conhecimento em uma determinada área do conhecimento em teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos de periódicos e publicações” (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 39).

Vale ressaltar que, com base nas autoras citadas, esse tipo de estudo não deve se restringir apenas à identificação das produções selecionadas na área do conhecimento pretendido, mas de analisar e categorizar esses estudos em seus múltiplos enfoques e perspectivas. Ressaltamos, porém, que nesta análise, trazemos apenas o que é considerado como “estado do conhecimento” por ser uma pesquisa que não abrange todos os estudos relacionados ao tema em sua totalidade, mas realizado em um recorte temporal específico (a partir de 2006).

Entretanto, seguindo os critérios estabelecidos nesta abordagem, esta análise permitiu a realização de um entendimento sobre alguns estudos que foram produzidos a respeito dos ritos de iniciação e suas influências na educação moçambicana.

Foi iniciado no mês de agosto de 2019, em função da pesquisa de mestrado acadêmico, um levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD). Para tanto, foi utilizado como critério de análise pesquisas em torno do tema: ritos de iniciação e educação moçambicana. A busca ocorreu a partir do descritor (palavra-chave) Ritos de Iniciação em Moçambique.

O processo de busca por pesquisas que abordam a temática mencionada se deu basicamente na seleção de dissertações produzidas no Brasil, apesar das pesquisas serem desenvolvidas em Moçambique por autores/pesquisadores africanos, em maioria. Na busca do descritor, Ritos de Iniciação em Moçambique apareceram sete dissertações de mestrado e uma tese de doutorado que trazia como foco, a produção de corpos femininos no contexto moçambicano, tendo como influência os ritos de iniciação. Com relação às dissertações de mestrado, as sete pesquisas tratavam dos ritos especificamente, porém, apenas cinco, dentre estas, foram selecionadas a *priori*, posteriormente uma foi descartada por se encontrar fora do recorte temporal estabelecido, restando apenas quatro dissertações a serem analisadas.

Assim, o processo de busca considerou apenas os resultados que apareceram no banco do BDTD tendo como base o descritor mencionado e recorte temporal definido. Utilizando tal recurso metodológico foi possível sistematizar os dados bibliográficos de modo a mostrar as produções realizadas e refletir sobre os ritos de iniciação e sua influência no processo educacional em Moçambique. Sobre esse levantamento de dados, Morosini e Fernandes (2014, p.108) afirmam que, “a principal característica é a natureza de uma contribuição original marcada pela identificação no novo”, nesse pressuposto, entendemos ser importante as reflexões aqui postas.

Produções disponíveis sobre os ritos de iniciação em Moçambique

No banco de dados BDTD foram sistematizados seis trabalhos, sendo cinco dissertações e uma tese que tratam especificamente sobre o tema abordado. De forma preliminar e com a finalidade de levantar o que tem produzido com relação aos Ritos de Iniciação em Moçambique, pudemos perceber que estes “achados” são resultados de estudos de pesquisadores africanos, porém, desenvolvidos no Brasil, o que remete entender que há uma preocupação de pesquisadores Africanos a respeito dos ritos de iniciação e sua influência na educação Moçambicana.

A produção disponível no BDTD, de forma geral, mostra um sentimento de marginalização da cultura e dos costumes locais moçambicanos, pois percebe-se que a cultura local tradicional dos ritos de iniciação tem ficado à `mercê` dos questionamentos ocidentalizados estereotipados, que culpabilizam os conhecimentos locais por serem invasivos sobre o corpo feminino, ou de usurparem a inocência infantil das meninas inseridas nos rituais de iniciação.

Cabe destacar que os ritos de iniciação são práticas culturais moçambicanas que tem como objetivo, educar os corpos femininos infantis para o sexo na relação conjugal/matrimonial, porém, tais práticas têm sido modificadas em função das condições socioeconômicas, o que motivam as meninas a abandonarem a escola, seja em função do casamento ainda na infância ou da prostituição. O que *a priori* representaria um empoderamento feminino pela prática dos ritos de iniciação acabou se tornando algo negativo.

Assim, para não ficar alheio ao conhecimento já produzido sobre essa temática, até porque, as pesquisas anteriores aqui levantadas, de certa forma, adentram os aspectos culturais tradicionais advindos da educação ocorrida nos espaços não escolares (os ritos de iniciação), bem como da educação ocorrida nos espaços formais (o ensino escolar).

Através da busca com os descritores “ritos de iniciação em Moçambique”, as quatro dissertações selecionadas que abordam o tema colaboram com o interesse de ruptura com as metodologias e epistemologias que colonizam o saber em Moçambique, um país cujas características são peculiares à cultura local, cultura esta, que tem sido subalterna ao processo de colonização, que homogeneizou os sujeitos para os fins eurocêntricos, seja no âmbito da cultura ou da economia. As pesquisas selecionadas foram sistematizadas no quadro a seguir:

Quadro 1. Ritos de Iniciação em Moçambique

AUTOR	Tipo de Pesquisa	TÍTULO	INSTITUIÇÃO/ANO
CANDA, Candido Jasse.	Dissertação	Educação autóctone tradicional e a educação oficial moderna: efeitos dos ritos de iniciação autóctone sobre o rendimento escolar dos alunos iniciados	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2006.
BRAÇO, António Domingos	Dissertação	Educação pelos ritos de iniciação: contribuição da tradição cultural ma-sena ao currículo formal das escolas de Moçambique	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008
CHAU, Roberto da costa Joaquim	Dissertação	Ritos de iniciação como espaços tempos de produção de conhecimentos: narrativas e diálogos em Nampula-Moçambique	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. 2015
NAMUHOLOPA, Óscar Morais Fernando	Dissertação	O papel dos ritos de iniciação na comunidade Yaawo: caso da cidade de Lichinga-Moçambique	Programa de Estudos Pós-graduação em sociologia. Faculdade de ciências sociais da Universidade Federal de Goiás. 2017
COSSA, SegoneNdangalila	Tese	Corpo(u)s de história e Províncias de relações Empáticas: uma etnografia de corpos de direitos recusados em Moçambique.	Programa de Estudos Pós-graduação em antropologia social da Universidade federal do Rio Grande do Sul. 2017

Fonte: BDTD (produzido pelos autores, 2019).

A pesquisa de Canda (2006) “Educação autóctone tradicional e a educação oficial moderna: efeitos dos ritos de iniciação autóctone sobre o rendimento escolar dos alunos iniciados”, realizada

no âmbito do mestrado acadêmico, discute o tema em três subtemas ou capítulos, a saber: a) Cultura e educação; b) Organização e estrutura social Matswa; c) Relação entre a educação autóctone tradicional e a educação oficial no contexto social. Assim, (CANDA, 2006) apresenta o objetivo da sua pesquisa como intenção de propor que, tanto os conteúdos, métodos e meios da educação autóctone tradicional como os da escola oficial moderna, fossem operacionalizadas de forma a interagir para uma educação comum e efetiva do homem (sexo masculino) moçambicano, em que os saberes técnico-científicos da escola oficial se juntassem ao saber fazer, saber ser, saber estar da educação autóctone tradicional para construir um processo único de uma educação única¹ que servisse para resolução de problemas da vida de todo/as, ou como afirma:

Identificar os aspectos educativos contidos nas acções da educação autóctone tradicional através dos ritos de iniciação que influenciam o rendimento escolar dos alunos iniciados do sexo masculino num ambiente étnico-linguístico-cultural matswa no Distrito de Vilanculos Província de Inhambane, Moçambique (CANDA, 2006, p. 10).

Para operacionalização ou interação dos saberes autóctone tradicional com os da escola oficial, Canda (2006, p. 34) discute a questão do reconhecimento partindo da ideia de que, “a identidade engloba, pois, todos os aspetos do indivíduo, na sua dimensão biológica, social e cultural, o consciente e o inconsciente, a sua estrutura biológica herdada e a estrutura social cultural adquirida”. Nesse pressuposto de identidade cultural/local, o autor considera que os gestores da política educacional em Moçambique cometeram o mesmo erro colonial da exaltação e imposição de normas ao julgar homogêneos todos os sujeitos, ignorando desta maneira, as diferenças culturais (regionais) existentes no país.

Também, para tornar viável a sua consideração sobre o erro do sistema Canda (2006) recorre à diversidade linguística do território moçambicano, para tanto, afirma que, “em Moçambique, apenas cerca de 1.2% da população tem a língua portuguesa como materna” (CANDA, 2006, p.36) e esta tornou-se a bandeira para chamar atenção dos fazedores da educação, de modo que estes contemplem a pluralidade cultural e linguística no país. Canda (2006, p. 79), continua destacando que, “ao olharmos na educação tradicional Matwa² através dos ritos de iniciação praticados em atividades como (caça, pesca, a dança, as competições, moral, circuncisão, trabalhos manuais, cultura, arte, etc.)”, vemos, neste sentido, que os ritos de iniciação seria uma alternativa para o reconhecimento dos saberes moçambicanos e garantia da sobrevivência cultural local, uma vez que,

[...] logo que a FRELIMO³ entrou, os primeiros alvos a abater foram os curandeiros e os mestre da iniciação sob a acusação de que uns eram supersticiosos e feiticeiros, outros eram promotores de ideias retrogradadas e primitivas, o que contraria a política de desenvolvimento social proclamadas pela então FRELIMO (CANDA, 2006, p. 79).

Para o autor, devido a esta política de combate aos saberes locais, o professorado passou a reduzir esse saber como rural, primitivo e difusor da má qualidade na concepção da escola na comunidade Matwua.

Entretanto, Canda (2006, p.91) argumenta que o governo precisava reinventar-se de modo a criar liberdades, de modo que todos pudessem ser participantes na elaboração de um currículo que viesse ser um entrave para a crescente criminalidade e marginalidade que, segundo suas pesquisas, surgiram em nos âmbitos escolares.

A pesquisa de Canda (2006) visou identificar aspectos que fossem importantes nos ritos de

1 As instituições educativas devem contribuir na reorganização da vida inteira, uma reorganização graças a qual cada indivíduo poderá satisfazer as suas exigências educativas ou culturais na vida que leva, que rodeia e na qual participa.

2 Povo moradores ao nordeste da província de Inhambane ao sul de Moçambique.

3 Frente de libertação de Moçambique.

iniciação em relação ao aproveitamento escolar masculino na tradição Matwua. Sobre o estudo, podemos considerá-lo importante na contribuição da produção de dados sobre a globalidade dos ritos de iniciação em Moçambique pelo fato das comunidades Matwua estarem ao sul do país, além de mostrar que estas comunidades sentiram a necessidade de envolver a sociedade e a comunidade na planificação de um currículo escolar que privilegiasse as manifestações culturais locais.

Outra pesquisa selecionada foi realizada por Braço (2008) intitulada “Educação pelos ritos de iniciação: contribuição da tradição cultural ma-sena⁴ ao currículo formal das escolas de Moçambique”, em 2008. Sua pesquisa desdobrou-se em três subtemas que contribuíram para os três principais capítulos do seu trabalho a saber: a) A dominação cultural no contexto moçambicano: referências históricas; b) A interculturalidade e educação e c) Ritos de iniciação Ma-Sena: práticas educativas tradicionais.

A pesquisa, segundo Braço (2008, p.11) tinha como objetivo a “analisar a educação em Moçambique no contexto das práticas dos ritos de iniciação Ma-Sena no que concerne aos seus saberes – ser, conviver, conhecer e fazer – e na sua influência na formação da identidade sócio cultural”. Esta pesquisa serviria como contribuição para o desenvolvimento do currículo formal das escolas no que concerne a inclusão dos saberes locais, num processo de articulação do local com o currículo escolar.

Para Braço (2008, p. 37) “o processo de colonização estabeleceu-se pela desintegração do tecido social que alimentou durante séculos a vida das populações autóctones⁵, da inseparabilidade entre os humanos pela organização comunitária e com o meio ambiente, sustento da vida”. Com esta afirmativa, Braço (2008) pressupõe que estes mesmos mecanismos de desintegração do tecido social e cultural não tiveram ruptura no país pós-independência, isso porque ele entende que houve apenas migração de ocidente para o leste europeu. Assim,

Caberia ressaltar que até então, a cultura da humanidade negava as culturas das sociedades dominadas e o patrimônio científico seria apenas um legado da racionalidade ocidental. O sistema de educação, dessa forma, se constituiria em um instrumento de negação da própria liberdade conquistada. Isso tornaria a educação no período socialista tão alienante quanto foi a colonização, pela negação das subjetividades das populações autóctones e pela pretensão na unidade, ao silenciar as diferenças sócio culturais (BRAÇO, 2008, p. 40).

Assim, como Canda (2006), Braço reconhece a fragilidade senão apatia do sistema de educação (ensino) que não veicula conhecimentos e valores construídos ecologicamente a partir das culturas autóctones.

Braço (2008, p. 42) também aponta que “educação é cultura e a escola é o espaço privilegiado de transmissão da cultura, que constitui um documento de identidade de uma sociedade, caracterizando-a nas suas particularidades”, nesta forma de ver, o autor considera que o currículo escolar deve ser a revelação sócio histórica de um determinado grupo, avalia ser o estado embrião⁶ do espaço/tempo. A educação, nesta forma de ver, situa-se no âmbito da simbolização, do sentido, do significado da esfera cultura, assim, considera que “A universalidade e a neutralidade da educação, no sentido cultural-político-ideológico, se forem defendidas, não poderiam ser para abafar e subestimar ou para exaltar certas sociedades em detrimento de outras” (BRAÇO, 2008, p. 51) e, para defender a universalidade e a neutralidade da educação, o autor propõe analisar a identidade e confrontar os dois olhares; o nacional – hegemônico, partindo da concepção de uma cultura comum e o advindo das culturas locais, diversas e distintas, ou seja, uma educação capaz de discutir e incorporar em seu currículo, temas que levem a refletir a prática dos ritos de iniciação.

Assim, Braço (2008) pressupõe que os ritos de iniciação são uma forma de perpetuação dos saberes e experiências de um grupo social, em função da manutenção da sua identidade, que os ritos de iniciação estão relacionados ao cotidiano das comunidades. A pesquisa de Braço (2008)

4 Povos da região central de Moçambique e habitantes às margens do Zambeze.

5 Povos locais (nativos).

6 Estado originário da vida.

considera que o currículo local é desenhado sob dois saberes: rituais da masculinidade e rituais femininos, constituídos em uma divisão nascida de relação social do trabalho, que, em sua visão, poderiam solucionar as evasões escolares e a conflitualidade entre o local e os conhecimentos advindos com a colonização. Os ritos de iniciação, neste modo de pensar, deveriam fazer parte do cotidiano escolar, ou seja, compor o currículo educacional moçambicano.

A pesquisa de Braço (2008) contribui significativamente para as análises sobre os ritos de iniciação e suas influências nos processos de ensino escolar de Moçambique, pensamento próximo do que expõe Canda (2006), quando reflete sobre os ritos de iniciação ocorrido nas comunidades Matswa, (um dos grupos étnicos da região centro de Moçambique), principalmente quando expõe que as autoridades tradicionais percebem que o currículo escolar deve privilegiar aspectos culturais locais, contribuindo, assim, na formação de seus filhos. Há uma aproximação entre o que pensa Braço (2008) e Canda (2006), pois ambos sugerem um currículo local. As duas pesquisas apontam que é preciso a construção de um currículo escolar intercultural em Moçambique.

Ainda sobre o estado de conhecimento, dentro do mapeamento daquilo que já está se produzindo a respeito dos ritos de iniciação, recorreremos à dissertação de Chaua (2015), quando buscou investigar os Ritos de iniciação como espaços-tempos de produção de conhecimentos: narrativas e diálogos em Nampula-Moçambique. A pesquisa de Chaua (2015) refere-se a uma abordagem voltada para a sociologia educacional dos ritos de iniciação educacional e não propriamente o processo de educação em Moçambique, cujo objetivo principal foi “identificar qual o papel dos ritos na configuração das identidades sociais, particularmente as identidades sexuais, e como a educação ritual pode deslocar o interesse da escola para o casamento ou para o trabalho” (CHAU, 2015, p. 105), no qual, pretendia também, descrever que a educação tradicional através dos ritos de iniciação, no sentido de perceber se eles (os ritos) encontravam algum espaço privilegiado para os meninos na produção de aprendizados sobre a iniciação.

Assim, Chaua (2015) aponta que os movimentos de resistência nacional contra o colonialismo português era idealizado em torno de fogueiras, como espaço de protestos e instruções para os meninos. Neste entendimento, os espaços “formais” de educação, de alguma forma, propiciaram o processo de subalternização dos outros conhecimentos (os não formais, como os ritos, por exemplo), entendendo estes espaços como oportunidades de desenvolvimento de uma educação capaz de promover o rompimento com obscurantismo advindo da colonialidade européia. Chaua (2015) considera que os ritos de iniciação é a pluralidade cultural presente nos diferentes setores de formação não escolar Moçambicana, mas que pode ser incluída nos aspectos formais de ensino escolar.

O autor aponta que a educação pode trazer resultados diversificados na sociedade Moçambicana e aponta certa inconsistência na formação não escolar (partindo dos ritos de iniciação), principalmente com relação ao casamento, ao qual o autor atribui como falta da moral e dos princípios de educação tradicional em Moçambique, isso do ponto de vista sociológico, pois a felicidade no casamento estaria vinculada aos ritos de iniciação, uma tradição que prepara tanto os meninos como as meninas para a união sexual/conjugal.

Ainda considera que rituais que ocorrem em volta da fogueira, ocorrem diálogos e intersubjetivação capaz de criar ideias, valores e atitudes que levem ao reconhecimento do outro como interlocutor válido, como um sujeito com dignidade e conhecimento. Assim, Chaua (2015) pressupõe que a atitude de se apropriar do seu próprio discurso epistemológico (processo de comunicação tradicional estabelecido em função dos ritos de iniciação) poderá promover a criticidade, o que poderá permitir pensar uma educação voltada à interculturalidade, igualmente, considera que interculturalidade promovida em volta da fogueira parte da ideia de que todas as práticas relacionais entre seres humanos implicam em diversos saberes, sendo fundamental o interconhecimento que consiste em aprender novos e ‘estranhos’ saberes, sem necessariamente ter que esquecer os anteriores, próprios da cultura.

É importante considerar o trabalho de Chaua (2015) porque ele apresenta os modelos tradicionais de produção de conhecimentos, ao mesmo tempo, são conhecimentos passados de uma geração mais velha para a mais nova, e tudo ocorre à volta de uma fogueira. Estar à volta da fogueira, além de servir como um espaço de produção de conhecimentos permite a construção das identidades moçambicanas em torno de um processo de resistências contra a colonialidade dos

saberes locais. Em termos de educação, não se pode pensar o processo sem a inclusão dos lugares constituídos de cultura e produtores de identidades.

Outra pesquisa selecionada para este levantamento sobre os ritos de iniciação em Moçambique é a de Namuholopa (2017), que estudou o papel dos ritos de iniciação na comunidade *Yaawo*⁷: caso da cidade de *Lichinga-Moçambique*. Namuholopa (2017, p.19). No estudo o objetivo principal foi “avaliar a dinâmica do processo de iniciação nos últimos tempos marcados por um fluxo contínuo de valores”, assim, o autor discutiu a educação informal e a educação formal ocorrida em Moçambique, além de apontar as diferenças de relacionamento existente entre os dois sistemas educacionais: o tradicional e oficial.

Namuholopa (2017) constatou que o fluxo caracterizado pela dinâmica cultural e a relação epistêmica é marcado pela exclusão, sendo que o currículo educacional, documento organizacional de ensino moçambicano, encontra-se calcado na ocidentalidade, menosprezando o conhecimento local. Assim, o autor defende que a educação e a cultura aparecem como duas faces, porém, nem sempre recíprocas ou complementares, de uma mesma realidade. Com este pressuposto, Namuholopa (2017) considera a evasão escolar pelos jovens, de forma geral, em idade escolar, como mais uma manifestação de repúdio a essa exclusão epistêmica do local, que privilegia o conhecimento eurocentrado.

Ainda, Namuholopa (2017), em seu estudo, acusa o projeto concebido pelo governo de Moçambique sob o prisma de formação do “homem novo” que incentiva a cultura no processo de ensino, porém, agravado com o pressuposto de que, “o lugar da criança é na escola”, onde poderiam receber todo o tipo de educação, entretanto, a educação ofertada nos âmbitos escolares excluía os processos culturais tradicionais/locais, ficando, o projeto “homem novo”, apenas no discurso que pregava a interculturalidade no currículo escolar de Moçambique. Nessa lógica, Namuholopa (2017), considera que o principal desafio em Moçambique é, tornar o currículo local, um ensino que dê conta de trabalhar a cultura do povo de forma mais específica, no sentido de tornar o ensino mais relevante na formação dos sujeitos, de forma que estes fossem capazes de contribuir para a melhoria de sua vida, a vida de sua família, da sua comunidade e do país, em geral.

A pesquisa de Namuholopa (2017) convida o governo a criar um currículo integrado, onde as comunidades étnicas locais fossem as principais proponentes, que fossem criados espaços de ensino onde pudessem acontecer oficinas que trabalhassem a cultura local, nas quais os alunos realizassem visitas e estudos de campo, além de um ensino de história local, onde as pessoas mais velhas de cada comunidade ensinassem suas tradições e costumes locais aos mais jovens.

Namuholopa (2017) traz um contributo importante, senão indispensável para análise da ressignificação da cultura ou de ritos de iniciação, diferentemente da visão trazida por Canda (2006), quando sugeria escolher e identificar os aspetos importantes da cultura em uma concepção de preservação, porém sem a ideia de ressignificação cultural, local de cultura onde estão localizados os ritos de iniciação.

A identificação sugerida por Canda (2006) ficava restrita ao plano curricular de ensino escolar, sem, por tanto, fazer qualquer menção aos saberes próprios de cada comunidade, presente nas experiências de seus sabedores (os mais velhos). Ao fazer menção dos ritos *Yaawo*, que sofreram essa ressignificação com o contato estabelecido com os árabes, na matéria concernente a circuncisão dos meninos, Namuholopa (2017) considera tal prática como costumes outros, porém ressignificada para o contexto africano que, de forma geral, considera a circuncisão importante para a prevenção de doenças de transmissão sexual.

A última produção analisada é a tese de Cossa (2017) denominada “Corpo(u)s de história e províncias de relações empáticas: uma etnografia de corpos de direitos, recusados em Moçambique”, realizada no Doutorado em Antropologia na Universidade Federal de Rio Grande do Sul, na qual a autora trouxe as seguintes reflexões: a) Trajetórias e reformulações de um campo ideologizado dilemas teóricos – epistemológicos de antropólogo terceiro - mundista; b) Uma releitura atravessada de ritos de iniciação e da ubiquidade dos corpos; c) O Samorismo e as utopias modernizantes e d) Onde os condenados não tem voz.

Cossa (2017) definiu como objetivo “traçar uma outra alternativa analítica que a partir de uma corporalidade específica – ubiquidade dos corpos, retrata-as de forma regenerada”, o que

7 Povos da região norte da província de Niassa, que se localiza ao norte de Moçambique.

Ihe levaria à discussão de que a mulher moçambicana é construída socialmente para viver em sociedades matrilineares. Para Cossa (2017), a diferença da história entre os diferentes povos que conheceram através do imperialismo será com maior dificuldade a construção de didáticas regidas nas semelhanças culturais. Também supõe que as duas modalidades epistêmicas: da escola e dos ritos de iniciação, têm um único objetivo de entrelaçar os corpos das crianças com finalidades de fazer com que estes (os corpos infantis) sejam maleáveis, transformáveis e acessíveis.

Ainda neste diferencial cultural, considera que é importante a criação do “novo”, de modo que este não deve ser percebido como antagônico e não dialógico comparativamente ao que se produz no ocidente, “pelo contrário, o “novo”, apesar de seu caráter emancipatório, reconhece a necessidade de complementaridade entre os saberes, dos mais estabelecidos aos mais marginalizados. Para ele essa alternativa de regenerar a corporalidade feminina encontra como saída a resignificação epistêmica” (COSSA, 2017, p. 61).

Cossa (2017) faz uma análise antropológica sobre a corporalidade feminina e sua resignificação social, ainda que não seja um estudo educacional, sua contribuição vai no sentido de refletir sobre o processo de resignificação da corporalidade feminina nas sociedades patriarcais, onde a mulher não é dona de si e de suas vontades, mas de um pai e ou marido que as subalternizam.

Historicamente, entendemos que há um processo cultural machista, que posiciona os sujeitos para pensar a construção social dos corpos femininos como objeto de prazer, seja, tanto nas comunidades patriarcais, como nas matrilineares, mesmo as mulheres sendo mantenedoras das decisões comunitária, estas foram produzidas social e historicamente para pensar a mulher como subalternas, providas de corpos dóceis e obediente aos seus homens (pais, esposos, irmão, etc). Estas situações são refletidas por Ogot (2010), quando aborda as relações de gênero presentes no contexto africano ao apontar que a figura feminina aparece nas relações de comércio ou de governos, como um suporte à masculinidade, pois, ainda que houvesse um homem a frente das situações, por detrás havia mulher, dependendo do grau de parentesco, era conselheira ou sacerdotisa.

As produções científico-acadêmicas selecionadas para este artigo mostram a relação entre os ritos de iniciação e a educação em Moçambique e apontam para a necessidade de uma educação que contemple a cultura e os conhecimentos locais, ou seja, uma educação que busque romper com as velhas tradições eurocêntricas, que consideram válidos apenas os conhecimentos advindos dos pensamento europeu, neste sentido, buscamos apoio em (HALL, 2003, p. 131) para argumentar que,

O que importa são as rupturas significativas em velhas constelações e, elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas. Mudanças em uma problemática transformam significativamente a natureza das questões propostas, as formas como são propostas e a maneira como podem ser adequadamente respondida.

Assim, nas produções analisadas, é perceptível o entendimento de que é preciso pensar uma educação que relacione os conhecimentos tradicionais/locais com os conhecimentos universais, de modo que o currículo escolar de Moçambique incorpore um ensino capaz de promover mudanças significativas dos estudantes, para que, assim, consigam estabelecer relação entre aquilo que se aprende na escola e o que vivenciam na prática cotidiana de suas comunidades.

As pesquisas mencionadas denunciam, de certa forma, as recorrentes situações de evasão escolar, principalmente das moças (raparigas como são chamadas em Moçambique) submetidas aos ritos de iniciação, é como se, após a passagem pelos ritos de iniciação, a escola já não consegue acolhê-las, de modo que estas possam permanecer e finalizar o período escolar. Como consequência, os índices de casamento infantil têm aumentado em Moçambique⁸. Os pesquisadores citados no levantamento realizado acabam culpabilizando o currículo educacional, naquele país, por não contemplar as questões locais, de modo que discurso oficial é contraditório aos conteúdos

⁸Em Moçambique, 56% das meninas se casam com menos de 18 anos, o que coloca o país em quinto lugar entre os dez com os índices mais elevados. Fonte: <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2015-07-14/campos-do-sexo-em-mocambique-e-zambia-preparam-criancas-para-o-casamento.html>

tradicionais, nos quais podem estar os ritos de iniciação.

Para Chaua (2015, p. 111) “os ritos de iniciação estão na escola assim como a escola está nos ritos de iniciação, pelos grupos de amizades que se criam, pelas referências das conversas, pelo período em que os rituais de iniciação ocorrem”. Para Canda (2006), os métodos de ensino tradicional autóctones são os mais eficazes devido a sua interação entre o conteúdo visto e ouvido, ou seja, os ritos de iniciação privilegiam, na sua mediação, a compreensão de vários outros conhecimentos, pois estão carregados de experiências e vivências cotidianas.

Para Tommasi, et al. (2000, p.157) “os textos escolares não podem ficar à margem de um currículo (nacional, regional, local) coerente com a política educativa”, mas devem considerar os conhecimentos tradicionais e as necessidades da comunidade, de modo que este currículo seja capaz de criar uma ruptura com todos os mecanismos colonializatórios, que primam pela homogeneidade epistemológica.

Vale lembrar que dificilmente alguém pode ser capaz de testemunhar aquilo que não viu, não vivenciou ou compreendeu, assim, uma experiência pode levar ao conhecimento, a cultura dos ritos de iniciação não pode ser desvinculada dos processos formais de ensino em Moçambique, pois fazem parte da formação identitária local, porém esta, a cultura, pode estar sempre em movimento (BAUMAN, 2005), portanto, questionada, experienciada, transformada, vivida.

Considerações Finais

As produções bibliográficas selecionadas e analisadas mostram que o ensino em Moçambique pode ocorrer de forma articulada aos contextos culturais locais, de modo que os conhecimentos tradicionais façam parte do currículo oficial. Isto porque os autores estudados constatam que os mesmos mecanismos utilizados pelo colonialismo europeu estão arraigados na educação moçambicana, privilegiando o saber eurocentrista, o que caracteriza a exclusão de conhecimentos locais no currículo oficial.

Os estudos aqui mostrados consideram que os ritos de iniciação, enquanto espaço de cultura, podem estabelecer relações entre cultura e ensino, porém, os processos educativos não escolares, aqueles que fazem com que os pais enviem suas filhas para as escolas de iniciação sexual, devem fazer parte de um processo mais amplo, de educação não só do corpo da menina para o casamento, mas de discutir, inclusive o empoderamento feminino nos contextos de formação e de identidade, de modo que estas o façam para a vida.

As diferentes formas de conhecimento são reivindicadas pelos pesquisadores de Moçambique para fazer parte do currículo oficial, assim, poderão dar sentido a uma educação emancipatória, que busca formar o sujeito, em especial as mulheres moçambicanas, para a vida, e não apenas para o casamento ou mercado de trabalho. Todas as produções revisadas consideram uma ilusão acreditar na existência de educação em Moçambique enquanto um sistema de valores criado em discurso que contemple a cultura local, na qual os ritos de iniciação encontram-se inseridos, mas um modelo educacional que tem como base o viés eurocêntrico, que não acolhe a pluralidade cultural. A educação em Moçambique, vista nos estudos levantados, tem sido considerada um processo de formação ensino voltada para o mercado de trabalho.

Os resultados também apontam que a evasão escolar em Moçambique está arraigada na cultura dos ritos de iniciação, pois, a partir da inserção das meninas nos contextos de formação local (dos ritos), estas, ao retornarem para suas casas acabam não voltando para a escola, optando pelo casamento.

Os estudos analisados apontam que há ausência de qualidade no ensino de Moçambique, já que o modelo educacional aparece condicionado às exigências do mercado. As produções científicas analisadas também indicam que, para haver uma educação de qualidade, esta deve contemplar um currículo integrador, construído com base nas diferentes formas de manifestação cultural que privilegie os conhecimentos e língua local, deixando de privilegiar apenas os conhecimentos vinculados aos modos eurocêntricos.

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRAÇO, A. D. **Educação pelos ritos de iniciação**: contribuição da tradição cultural ma-sena⁹ ao currículo formal das escolas de Moçambique. Dissertação (mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2008.

CANDA, C. J. **Educação autóctone tradicional e a educação oficial moderna**: efeitos dos ritos de iniciação autóctone sobre o rendimento escolar dos alunos iniciados. Dissertação (mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2006.

CHAU, R. C.J. **Ritos de iniciação como espaços-tempos de produção de conhecimentos**: Narrativas e diálogos em Nampula-Moçambique. Dissertação (mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

COSSA, S. N. **Corpo(u)s de história e províncias de relações Empáticas**: uma etnografia de corpos de direitos, recusados em Moçambique. Tese (doutorado) Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 2017.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

_____. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. DP&A, 2006.

LÜDKE, M. André, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: Abordagem qualitativa. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU., 2013.

MOROSINI, M. C. FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014.

NAMUHOLOPA, Ó. M. F. **O papel dos ritos de iniciação na comunidade Yaawo¹⁰: caso da cidade de Lichinga-Moçambique**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Goiás, 2017.

OGOT, A. **História Geral de África**: África do século XVI ao XVIII. UNESCO. Brasília, 2010.

ROMANOWSKI, J. P. ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

TOMMASI, L. WARDE, M. J. HADDAD, S. **O Banco Mundial e as Políticas educacionais**. 3ª ed. Cortez. São Paulo. 2000.

Recebido em 12 de fevereiro de 2020.

Aceito em 19 de março de 2020.

9 Povos da região central de Moçambique e habitantes às margens do Zambeze.

10 Povos da região norte da província de Niassa, que localiza-se ao norte de Moçambique.